



FOME

SÉRGIO TAVARES

Acontece toda vez que eu afundo a cabeça no travesseiro e sinto a latência no ventre dolorido pelo pós-sexo. Uma descarga de nojo e arrependimento que flui pelo corpo entranhado pelo cheiro do homem que respira morno na minha nuca – um qualquer que permiti que me penetrasse e me amargasse a boca com suas secreções.

Por que não consigo controlar essa ânsia?

Sou fraca, e a repetição do erro suscita lamentos furiosos que fazem com que a decência remanescente tente abandonar essa carcaça usada como um instrumento de satisfação, depois descartada para preservar as digitais. Todos os dias, alimento esta rotina doentia. Esgueiro-me feito um animal de pernas abertas por bares prostitutos, seduzida pelos eflúvios do álcool, fumaças de cigarro e loções pós-barba. Esperando um olhar ou menção libertina que me leve para cama um, dois ou três paus. Não sou a cadela no cio, sou os cachorros atraídos pelo apetite.

Sei que a satisfação me devasta em bel-prazer, mas a compulsão me engana com fantasias que cegam a previsão do erro, viciando uma necessidade intolerável. São varões em brasa que me sobem pelas coxas, encharcando-me: a sede de uma água, a primavera de um único pólen.

Nessas horas, tenho medo de ficar perto dos meus alunos. O fedor do suor, embebido no uniforme, afeta-me como éter, fazendo com que me esfregue ainda sobre as roupas.

Quantas vezes isto já aconteceu na escola!

Uma aflição que apaziguei entre pernas de porteiros, motoristas e zeladores. Personagens anônimos de um elenco indistinto, atuando num roteiro em que a última cena sempre se passa na minha cama. Ofereço a minha casa para facilitar a aproximação.

Às vezes, eles estão tão vastos que tenho de jogar fora os lençóis.



Pedem para me bater, chupar meus pés, sujar a minha cara. Geralmente, os que me devoram por trás são os maridos. Fazem comigo o que não fazem com as esposas. Nunca tentei ser melhor que elas, embora sei que lhes proporciono um instante de completude que anos de casamento nunca farão.

Não faço isso por eles. Não consigo evitar.

Ele cruza a porta com um olhar desconfiado: glóbulos inflamados oscilando em pálpebras bulbosas, um movimento viscoso, remelento. Titubeia. Dá um passo curto, irregular. Estuda a sala, os tapetes felpudos e limpos, desvendando a situação pela perspectiva de animal arredio. Depois, avança.

Mantenho distância. Embora pareça dócil e embotado, trato-o com gestos cautelosos. Aceno, sustentando um olhar amistoso. Tem um cheiro forte: um fedor feito de urina e lixo, entranhado nos pelos ensecados e numa corda encardida que arrasta pelo corredor, lastrando imundice.

Saio da sala, aventando passos afetados e movimentos repletos de insinuações convidativas. Ele me segue com dificuldade. Tenho de me submeter ao seu andar zumbiótico.guardo. Consinto solenemente, emendo em mais um corredor e dou no quarto principal. Empurro a porta e uma corrente de vento escapa, afastando fugazmente o ar decomposto. Deveria ser um alento, ainda que instantâneo, mas não me incomoda. Ali está o cenário: as cortinas douradas pelo sol, a cama de casal, os lençóis brancos.

Entro no quarto e contorno a cama, com a mão suspensa tocando suavemente o lençol com as pontas dos dedos. Ele para – como que alertado por um senso danificado de perigo. Estuda a conjunção de cores e a harmonia dos móveis. Fareja os perfumes das velas aromatizadas, dispositivos de uma sensação esquecida.

Sento na ponta do colchão. As pernas alinhadas, os joelhos retos virados para a porta. Entre os umbrais, ele me retribui um olhar sujo, perdido numa expressão impassível, inchado.

Há uma espera, agora – faz parte do jogo. A projeção do desejo, a confirmação de que os dois atores estão impregnados pelo impulso comum de desabar em inconsequência, mas não aqui. Aqui estou sozinha.

Suavemente, puxo uma alça da blusa. A seda escorre sobre o colo, deixando um seio à mostra. Ele não reage. Repito o gesto do lado esquerdo, com nuances lascivas. Agarro o tecido embolado na bainha e o arrasto



sobre a cabeça, num movimento lento e provocante, roçando os cotovelos sobre os mamilos túmidos, a pele clara, arrepiada, nua. Ele mantém-se num plano remoto e passivo, enclausurado em pensamentos.

Talvez seja este o momento inimaginável, onde sinto que, pela primeira vez, posso interromper a cena, levantar-me e me vestir, mandá-lo embora. Estancar esta ânsia e me preservar, por uma única vez, da devastação que sucede o gozo, sem medo do embrutecimento ou da reação hostil.

Entretanto, apesar do desinteresse dele, da debilidade óbvia e dos alertas racionais, não consigo evitar. Giro o corpo e puxo a presilha do fecho eclair da saia, deslizando-a sobre os dentes. Inclino o corpo e passo as pernas, uma a uma, pela abertura da cintura, depois as cruzo em laço libidinoso. Não uso calcinha.

Neste instante, meu corpo começa a reagir em abstinência. Uma fúria explode em jorros de sangue fervente pela musculatura retesada, queimando a corda que controlava o animal voraz, sedento e insaciável. Estou ardendo entre as coxas e já não consigo mantê-las fechadas. Ele permanece sob os umbrais, exatamente onde o quero, prostrado, com uma secreção mole escorrendo sobre os lábios manchados de iodo, carcomidos.

Miro seus olhos e lentamente vou abrindo as pernas. Descolo o sexo viscoso, úmido, uma rosa em chamas, latente. Exponho-me, desvendo-me para ele como uma cadela que rola sobre si, intoxicada pelo cio. A princípio, ele permanece inabalado – e, mesmo que ele fique pateticamente amortecido, não posso mais parar; terei de me satisfazer sozinha – mas, num crescente vagaroso, seu rosto vai se transformando em algo assustador que teria me atemorizado em qualquer outra ocasião.

Um rasgo se abre no meio da sua cara macilenta e coberta pela barba vasta e imunda, uma versão sórdida de sorriso que revela cacos de dentes podres, fincados em gengivas enegrecidas. Ele sustenta aquela ferida por alguns minutos, paralisado, emitindo um chiado bronquítico, monocórdio, então se arrasta para dentro do quarto. Por um instante, a reação me confunde, mas logo me toma uma euforia. Salto da cama e vou ao seu encontro, apenas sobre escarpins vermelhos.

Aproximo-me agora sem receios, insinuante, olhos grudados nos dele, numa tentativa de sedução, esperando uma menção libertina. Ele apenas responde com a mesma expressão vazia, e assim não reage quando começo a despi-lo. Tiro-lhe os trapos de cima a baixo, peças ruídas e cobertas por uma gama de odores ruins, excrementícios, exceto a gaze que cobre um de seus pés, manchada de iodo e uma secreção escura.



Uma pasta negra de imundície cobre todo o seu corpo – é quase insuportável ficar próximo dele. Uma tontura que começa a me embrulhar, e talvez essa cena, esse estranho que trouxe do lixão próximo à escola, seja uma forma inconsciente de me punir, mas não consigo evitar. Estou encharcada, preciso me saciar e junto meu corpo ao dele.

Esfrego-me em seu peito, entrelaço minhas pernas nas dele, lambuzando-me naquele visco escuro, sentindo a barba crespa arranhar meu rosto e desprender nacos de algo já podre. De perto, sua boca tem um cheiro etílico muito forte – e talvez isso explique um pouco da sua letargia. Roço meus seios nele, envolvo-o com meus braços, encaixo-me em seu joelho e, de uma forma inexplicável, toda a combinação de cheiros ruins, estranheza e perversão vai me deixando mais excitada, entrecortando minha respiração, possuindo-me, queimando-me de desejo.

Pego a sua mão e pouso sobre minha bunda. Ele não reage, não tenta me abrir, cravar as unhas. Fica estacionada onde a deixei. Talvez ele precise de mais tempo para extrair do corpo fragilizado por terrores urbanos e carências fisiológicas estímulos sexuais, mas já não aguento e toco o seu sexo. Há um princípio de enrijecimento, um inchaço, pulsando entre meus dedos feito uma enguia agonizante. Ele se contrai ao toque, porém não é uma sensibilidade de prazer e sim de dor. O sexo está coberto de pústulas, cancroso e expurga uma secreção amarelada.

Por isso não consegue ficar enrijecido por completo. Talvez se eu... Mas percebo que a debilidade, provocada pelas moléstias e os anos marginais, não lhe permite vigor suficiente para uma reação mais viril. Pego-o com delicadeza pelo braço e deito-o na cama. Suas costas maculam os lençóis brancos, com a impressão precisa da sua anatomia. Preciso satisfazer esta ânsia e tem de ser com minhas forças.

Subo em seu corpo, apoiando minhas mãos sobre seu peito e sento em suas pernas. A pele é mole, fria e grudenta de anfíbio: meus dedos afundam por entre os vãos das costelas. Ele geme com meu pouco peso. Tão próxima, vejo que seus olhos são escuros como carvão, belos, mas ainda borrados. Talvez seja uma mancha que esconde os verdadeiros olhos, mas agora preciso do que é real e pego seu sexo por baixo de mim e me penetro. Apesar dos alertas racionais de todas as doenças que eu possa contrair e suas terríveis consequências, não posso evitar e me penetro. Ele geme mais alto com o movimento, quase um urro. Eu também.

Cavalgo sobre ele com fúria – sei que não vai resistir por muito tempo. Cavalgo sobre ele, me preencho. Bombeio meu corpo com todas as sensações doces, mornas, anestésicas. Os frêmitos de prazer, contrações e tremores irradiando-se pelo ventre, pela parte interna das coxas. Subo e desço com vontade, servindo-me



dele, sentindo o descompasso da respiração, a superprodução das glândulas salivares, lacrimais, o coração pulsando em todos os desvãos e redemoinhos do meu corpo. Do seu corpo.

Afundo meus dedos na pele fina do seu peito e sinto seu coração, um músculo febril, ressurgindo no centro da palma. Aperto-o como uma socorrista, esmagando os ossos, estimulando vida, desejo, empurro-o, sentindo o músculo acelerar. Ele começa a arfar, um ruído pneumônico, lágrimas brotam de seus olhos. Ele arfa e o coração dispara como um louco aprisionado entre vértebras, eu cavalgo.

Desço com impiedade, esfolando-nos, fazendo-o salpicar a barba com ovas de saliva, engasgar. Afundo-me sobre ele, me arranho em seus pelos, esfrego-me e lascivamente escorremos um para dentro do outro: um único ser pegajoso, respirando num mesmo compasso, pulsando um mesmo coração.

Somos um, e sinto-me algo amorfo. O animal e a montaria enlaçados, avançando, carregando uma energia instável que vai nos impulsionando, prestes a explodir, crescendo, mais forte, urgindo, vindo, vindo, vindo e irrompendo num jorro morno que lambuza as minhas coxas, vertendo entre as dobras do lençol, viscoso e deliciosamente sujo.

Desabo sobre ele e, molengamente, vou deslizando pela lama que cobre seu peito, tombando ao seu lado, sem fôlego. Ele arqueja feito um ressuscitado, um maratonista, emitindo um chiado sofrível, quase um choro infantil. Por um tempo, ficamos simplesmente assim, imóveis. Extasiados pelo efeito lisérgico do pós-sexo, flutuando em meio ao rearranjo do corpo, os espasmos etéreos. Falidos pelo gozo.

Sei que tenho de extrair o máximo deste momento, pois logo este teatro, essa fantasia que vai esmaecendo, vai ser devastado pela descarga de nojo e arrependimento e, quando ele ainda estará deitado, tentando entender o que aconteceu, eu estarei morrendo outra vez. Mas então ele se levanta.

Ele se levanta e a reação inesperada me desvia do transe. Vejo-o descolar do lençol e arrastar-se, com seus pés feridos, até a porta, relevando a nudez e desaparecendo pelo corredor. Sai pela casa sem propósito aparente, indiferente a mim e ao que aconteceu, sem indicações, mas, pela marcha pesada que impõe, posso identificar o caminho que percorre. Ouço, pelo atrito da gaze no carpete, que vai em direção à sala. Usa a parede como apoio, deslocando os quadros, espalmado a argamassa, na tentativa de forçar um ritmo incompatível a sua condição física.



Logo chega ao fim do corredor – e sei, pois a fricção é substituída por um ruído surdo de piso de madeira – e avança ao centro da sala, equilibrando-se na mesa de jantar e nas cadeiras que rangem, riscando os pés no assoalho.

Há um estrondo, em seguida. Um baque forte, acompanhado por uma orquestra de louças, cristais e taças de vidro, reverberando a colisão com o bufete, em ondulações rasteiras. Ouço a vibração se extinguir e depois o nada, apenas o silêncio. Aguço os ouvidos e a sua presença distante não está mais lá. Não há mais passos, não há mais móveis reclamando o apoio, apenas o silêncio contínuo.

Começo a me preocupar, suspeitar se não está desacordado, ferido. Ou pior: se não está, dissimuladamente, tentando fugir e expor ao mundo meu vício. Desenlaço-me do lençol e estou saltando da cama, quando escuto o descolar da porta da geladeira, seguido do clique eletrostático da lampadazinha se acendendo.

Ele ataca minha comida, furiosamente. Coisas começam a se quebrar: vidros, embalagens de plástico. Latas caem e rolam, descarriladas. Revira as panelas, jogando-as no chão, arromba os armários. Ouço pacotes plásticos sendo rasgados, tampas de conserva arrancadas, uma cacofonia voraz. Ele mastiga com ânsia, devora tudo que estiver ao seu alcance, saciando a sua fome.

A minha continua a mesma.